



Bartira, a mãe do primeiro brasileiro: atuação e composição a partir das ciências do imaginário

Gabriel Pangonis Fernandes* e Verônica Fabrini.

Resumo

Partindo da proposta de Roberto Gambini de psiquização da história, este projeto busca dar continuidade a investigação iniciada anteriormente. Se antes procurávamos entender o lugar no imaginário brasileiro ao redor de João Ramalho, português exilado que se amancebou entre os índios e facilitou a entrada dos colonizadores no território do atual estado de São Paulo, dessa vez investigamos a Índia Bartira, companheira de João Ramalho, mãe de sua vasta prole e filha do mais importante cacique do planalto de Piratininga, mantendo-se a história da fundação da cidade de São Paulo como plano de fundo. Com um olhar para as questões de gênero espelhadas na colonização do território, busca-se em processo criativo, cartografar procedimentos de atuação e composição que permitam a transcrição cênica de uma história brasileira que seja factual e também geradora de mitologia. Utilizando como referencial teórico pensadores sobre o imaginário, esta investigação busca colocar em diálogo psique e história, apostando nas interpelações entre o simbólico e o factual através do trabalho dos atores.

Palavras-chave:

Imaginário, gênero, processo criativo.

Introdução

Nossa primeira investigação (2016/2017) tinha por objeto a ausência de mitos. No entanto, no correr dos procedimentos de pesquisa, encontramos mais do que narrativas ausentes, narrativas esvaziadas de sentido. Dessa forma, buscamos verificar, ao longo da anterior pesquisa (2017/2018) procedimentos de atuação que nos permitiram preencher as narrativa escolhida, a história de João Ramalho, de sentido. Buscamos agora, ao olhar a narrativa sob o ponto de vista da mulher indígena, aprofundar os conhecimentos sobre o potencial do trabalho de ator para reconstruir um sentido apagado pela colonização.

Resultados e Discussão

Encontramos na obra de Roberto Gambini (2000) os relatos de uma profunda identificação do corpo feminino com a terra a ser conquistada. Observa-se o feminino projetado sobre o Novo Mundo. Gambini nos mostra, com sua análise das cartas jesuítas e das gravuras da época, que isto não é apenas uma teorização feita posteriormente, mas algo notório nas obras de arte da época.

Gambini também pontua na empreitada colonizadora uma negação da alma, uma exacerbação de energias masculinas, seja por parte dos Jesuítas ou dos marinheiros. Dessa forma, a mesma feminilidade bloqueada na psique do colonizador se encontrava projetada sobre a terra e a gente do novo mundo, encontrando um gancho de projeção particularmente forte na mulher indígena.

Assim como a psique colonizadora luta para manter sua alma marginalizada e sob controle, assim devia fazer com o que recebia tais projeções, a mulher indígena.

A pesquisa nos levou ao trabalho de Fargetti (2017) que discute aspectos linguísticos e antropológicos das canções de ninar do Povo Juruna. Ela detecta nas canções um eu-lírico que se envulva, assumindo

livremente diferentes pontos de vista, sejam eles pontos de vista de *gente* ou de *bicho-gente*.

Nos laboratórios de atuação, desde a anterior pesquisa, trabalhamos com a imagem de deixar o território colonizado narrar os episódios da colonização. Os procedimentos passaram a convergir para esse mote, descobrindo no corpo dos atores a capacidade de envulvar-se em cada um deles, um corpo que ora é Rio, ora é Onça, ora é Pico e ora é Flor, e que eventualmente pode até mesmo ser ator. Os materiais levantados foram abordados sob a ótica de um ator-montador, como descrito por Okamoto (2004).

Conclusões

Na cena desenvolvida ouvimos a vontade do Rio, que espera a próxima chuva na esperança de causar uma grande enchente, para destruir a cidade que cerceou suas margens. Dessa forma, convergimos para uma cena em que os eventos da colonização estão lá, na narrativa, como feridas abertas, ressentimentos. Revelando não apenas o ponto de vista do território sobre os eventos, mas construindo também imagens sobre sua relação presente com o acontecido. Relemos dessa maneira, num exercício de imaginação e resistência decolonial, a identificação da mulher indígena com o território.

Entendemos que esses procedimentos de atuação, aproximados de epistemologias indígenas, permitem psiquizar/historiar os eventos narrados, permitindo aos espectadores construir seu sentido. Dessa forma, a performance do ator pode colaborar para tornar o público dono de sua história.

FARGETTI, Cristina Martins. FALA DE BICHO, FALA DE GENTE: cantigas de ninar do povo juruna. São Paulo:Edições Sesc São Paulo, 2017.
OKAMOTO, Eduardo. O Ator-montador. /Eduardo Okamoto. – Campinas,SP: [s.n.], 2004. Disponível em:
< <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284815>> Acesso em: 9 de abril de 2018.
GAMBINI, Roberto. O espelho índio: a formação da alma brasileira. São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.